

Pseudônimos e heterônimos da resistência

Isabella Maio

[Assistente Social. Doutoranda em Saúde Pública - Ensp/Fiocruz]

Não é de hoje que pseudônimos e heterônimos estão por aí, circulando nos jornais, nos panfletos, nos posts e artigos, trazendo poesias, arte e importantes contribuições e experiências de vida por parte daqueles que não querem ou não podem expor a sua real identidade.

Mas afinal, você sabe a diferença entre pseudônimos e heterônimos?

Pseudônimos são nomes fictícios inventados por pessoas que não querem ser identificadas.

Heterônimos são personagens criados com personalidade e características distintas ao escritor do texto.

Fernando Pessoa foi mestre na arte de criar heterônimos. Sozinho, chegou a assinar textos com 70 nomes diferentes, personagens criados por ele e alguns pseudônimos com suas mesmas características.

Cora Coralina teve o pseudônimo mais famoso que o próprio nome real:

Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, grande poetisa da Cidade de Goiás.

Em meus estudos sobre a *Enquete Operária* (Marx; Tsé-Tung, 1974), tenho me deparado com muitos pseudônimos e, sobretudo, compreendido sua importância entre o final dos 1940 e início dos 1960. Destaco três jornais que possibilitaram a publicação de experiências de trabalhadores reencarnando o projeto de Marx: “*The American Worker*”, 1947 [O Trabalhador Americano], norte-americano; “*Socialisme ou Barbarie*”, 1949 [Socialismo ou Barbárie], francês; e “*Correspondence*”, 1951 [Correspondência], também norte-americano.

Os objetivos desses jornais eram os mesmos: construir um espaço de divulgação das experiências, vivências e desafios dos trabalhadores, no qual **“um trabalhador descrevia, em sua própria voz e explicitamente para outros trabalhadores, suas condições de exploração de uma forma que teorizava a possibilidade de uma subversão estratégica”** (Haider; Mohandesi, 2013).

Essas experiências instigaram trabalhadores de vários segmentos a relatarem suas próprias experiências.

Utilizando pseudônimos para se manterem no anonimato, trabalhadores e trabalhadoras transformaram aos poucos os relatos individuais em questões coletivas, por gerarem reconhecimento em seus pares.

“Quando milhões de trabalhadores estão expressando a mesma queixa sobre seu trabalho, o capataz, o sindicato e a empresa, isso não é mais uma queixa, isso se torna um problema social. Essa queixa ou injustiça não afeta somente este ou aquele indivíduo, ela afeta toda a sociedade” (Correspondence, 1955).

É interessante notar que a Enquete original de Marx, nesse momento, perde o seu formato hermético de perguntas e respostas para tomar uma forma narrativa literária, possibilitando ao trabalhador a expressão criativa, desenvolver suas vivências de forma livre, com sua própria linguagem, expondo suas ideias e sentimentos subjetivos. O essencial era as falas dos trabalhadores expressassem suas experiências cotidianas. Mas como fazer isso sem ser ameaçado de perder seus empregos? Utilizando pseudônimos, é claro! Intelectuais de esquerda também recorriam frequentemente aos pseudônimos para fugir da perseguição política frequente na época. Phil Singer, operário da GM [General Motors] em Nova Jersey, narrava suas questões e frustrações no trabalho com Paul Romano. Ria Stone, pseudônimo de Grace Lee Boggs, escritora e ativista norte-americana, relacionava o conteúdo do socialismo com o mundo da automação e da linha de produção, concretizando conceitos até então distantes para os trabalhadores do chão de fábrica. Os pseudônimos permitiam, portanto, a liberdade e a criatividade necessárias para que o saber operário e o saber técnico pudessem caminhar juntos sem amarras ou perseguições políticas.

Evidentemente esses textos foram questionados quanto à sua “validade científica” por muitos intelectuais.

Entretanto, além de ser um instrumento de pesquisa, a Enquete Operária construída por Marx tinha por objetivo principal auxiliar na construção da consciência. Nessa perspectiva, os textos construídos foram fundamentais.

Interessante notar que esses jornais também indicavam a necessidade e a importância dos intelectuais auxiliarem os movimentos dos trabalhadores, colocando sua **realização intelectual à disposição da classe trabalhadora**. Eis aí uma questão para a academia e os acadêmicos nos dias de hoje: **“aprender sobre as experiências da classe trabalhadora e investigar a sua vida diária tinha que ser um aspecto fundamental de quaisquer organizações revolucionárias”** (Haider; Mohandesi, 2013). O comprometimento desses jornais e dos intelectuais envolvidos com a classe trabalhadora era evidente, apesar de todo elitismo acadêmico da época.

Hoje essa realidade não mudou muito, a academia segue encastelada. Daí exaltaremos espaços, como a **Coluna Opinião** no **Blog Multiplicadores de Visat**, onde trabalhadores podem continuar expondo suas vivências, desafios e reflexões sendo eles mesmos, como pseudônimos ou heterônimos.

Salve todas e todos que acreditam e fazem desse espaço um lugar de resistência e de compromisso cotidiano com a classe trabalhadora!

Salve os pseudônimos e os heterônimos da resistência!

■ ■ ■

Referências: Marx, Karl, Mao Tsé-Tung. *Inquérito Operário e Luta Política: Textos Marginais*. Porto, 1974. // “Gripes and Grievances”. *Correspondence*, v.2, n.2, p.4 (22/01/1955). // Haider, Asad; Mohandesi, Salar. *Enquete Operária: Uma Genealogia*. *Revista Viewpoint*, 27/09/2013.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.